

## TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E DE UMA OPINIÃO PÚBLICA NACIONAL NAS OBRAS LITERÁRIAS DO CICLO CANUDIANO<sup>1</sup>

Ive Alencar, Lidiane Santos e Heloisa Soares<sup>2</sup>

1 Projeto premiado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom/2001

2 Alunas de Comunicação Social, bolsistas do PIBIC (CNPq) no Projeto "Sertões" dirigido pela professora Lícia Soares de Souza e pelo professor-colaborador Ruy Aguiar, com apoio do Centro de Estudos Euclides da Cunha-CEEC

3 Albuquerque Jr., Durval. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Editora Massangana; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

4 *A nossa Vendéia I e II* publicados em 1897, antes do final da guerra, no jornal *O Estado de São Paulo*.

*"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer; quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados." (Euclides da Cunha, 1902)*

Passados cem anos do início da Guerra de Canudos, empreende-se ampla revisão desse acontecimento histórico, conhecido pelos quatro cantos do Brasil, se estendendo muitas vezes também ao mundo, através de um estudo crítico e comparativo dos textos que inscrevem Canudos na literatura. Euclides da Cunha em *Os Sertões*, cujo centenário será comemorado em 2002, não permitiu que este fato ocorrido no interior baiano fosse esquecido. Após sua obra, considerada ainda hoje "o livro de Canudos", surgiram outras, de autores diversos, que, com linguagem histórica ou mesmo ficcional, contribuíram enormemente para o conhecimento dessa parte dolorosa da História brasileira.

Considerado o marco da produção literária nacional, tropical e naturalista<sup>3</sup>, *Os Sertões* influenciou e continua influenciando as obras que compõem o ciclo canudiano. É, sem dúvida, o pioneiro, no momento que se volta para a busca de uma identidade nacional. Apesar de defender a civilização moderna, e até mesmo ter lutado e persuadido a opinião pública, através dos seus artigos<sup>4</sup>, em prol do litoral progressivo, Euclides da Cunha reconhece o sertanejo como a "rocha viva da nossa raça" depois de ter estado em Canudos.

Para chegar a este resultado, foi necessário estudar o conflito entre os dois Brasis: de um lado, o que chamou de "Suíça industrializada", com sua possível raça superior, constituída pelo branco estrangeiro, um homem forte e dominador; do

outro lado, as "palafitas", o sertão no qual permeia a raça inferior do mestiço indolente, inerte e subserviente. Como consequência desta dicotomia, surge a construção de uma visibilidade e de uma dizibilidade sobre as quais, até os nossos dias, edificam-se os estereótipos de pobreza, inferioridade e acima de tudo de atraso no sertão. Já a marca da violência, antes atribuída aos sertanejos, passa a configurar a imagem das grandes cidades.

A complexidade do ciclo canudiano vai muito além da literatura. Ela passa pela história e chega também à comunicação. A imprensa é criticada por sua atuação negativa na formação de uma opinião pública nacional. Os "homens-palavra", os personagens jornalistas, são enviados como correspondentes dos jornais da época com o intuito de noticiar, documentar os fatos da Guerra e propagá-los. O medo implícito na busca de palavras para não ofender a República, nem o Exército, propiciou uma manipulação dos dados. Euclides da Cunha, também correspondente de guerra, e os demais enviados especiais oscilavam entre as opiniões preconcebidas e a realidade crua que estavam presenciando. Como disse Galvão (1977), a maioria se calou. As práticas desumanas foram escondidas para exacerbação da imagem republicana. Assim, com as ações atrozés bem ocultas, propagou-se uma dizibilidade e uma visibilidade do sertão e dos sertanejos de acordo com os interesses vigentes. A partir dela, foi construída uma opinião pública nacional que justificou a guerra. Berthold Zilly (1996) opina sobre essa ação desordenada da imprensa, inclusa na obra euclidiana:

**Outro aspecto moderno (de Os Sertões) é a eficiente propaganda belicista contra o inimigo desconhecido do sertão, largamente orquestrada por uma imprensa que apregoava o ódio desenfreado, apoiada por jornalistas estrangeiros, inclusive alemães.**

Questões como identidade nacional, opinião pública, visibilidade e dizibilidade dos sertões, dentre outras, estão presentes nas obras que compõem o ciclo

temático canadiano, confirmando a importância e a aplicabilidade da obra de Euclides no desenvolvimento do tema Canudos, das Ciências Humanas em geral e de uma teoria da comunicação fincada em bases nacionais.

### **Descrição da Pesquisa: A influência de "Os Sertões" nas obras do ciclo literário canadiano.**

A permanência euclidiana nos romances sobre Canudos possibilitou a formação de um ciclo temático canadiano cujas obras podem ser divididas em três blocos, de acordo com Gutierrez (1997): 1) da contemporaneidade de Euclides da Cunha; 2) da década de 50, após meio século de guerra; 3) da nossa contemporaneidade. ✓

A presente pesquisa pauta-se numa Análise estrutural e textual comparativa entre a obra fundadora deste ciclo, *Os Sertões*, e os romances literários contemporâneos: *La Guerra del Fin del Mundo* (1981) do peruano Mário Vargas Llosa; *A Casca da Serpente* (1989) de J.J.Veiga, um dos mais renomados ficcionistas do fantástico no Brasil; e *As Meninas do Belo Monte* (1993) de Júlio José Chiavenato, conhecido jornalista e escritor de temas históricos latino-americanos.

A primeira etapa consistiu na averiguação das correlações entre a obra fundadora do ciclo, *Os Sertões*, narrada com técnicas naturalistas minuciosas, mas já discutindo a necessidade da busca de uma identidade nacional, a partir do domínio do vasto território com suas origens, costumes e tradições, e as obras do modernismo literário. Nesse âmbito, observamos os discursos ligados à dicotomia litoral versus sertão, de onde emergiu a idéia da "rocha viva da nossa nacionalidade", associada ao sertanejo que, como *uma rocha matriz*<sup>5</sup>, matizada e subordinada ao *façeis* geográfico merece a qualificação de "antes de tudo um forte".

Abordando os quatro romances pela semiótica narrativa, na análise das tensões

5 Barreto, METÁFORAS GEOLÓGICAS. www.portifoliu.com.br

entre os códigos das ações e da narração, no tratamento do tempo, do espaço e dos pontos de vista, passamos a observar necessariamente o novo enfoque concedido ao espaço pelo modernismo literário. Nas obras contemporâneas, o espaço geográfico (dimensional) transforma-se também em espaço histórico (não-dimensional). Em outras palavras, o espaço físico de presença determinante já aparece como território cultural, refletindo o feixe de inter-relações históricas e metalingüísticas que autorizam a formação de uma prática comunicativa nacional. Se a paisagem física dimensionava as especificidades das comunidades sertanejas, habituadas a reagir à natureza inóspita, a configuração das caatingas, tornadas espaço histórico, se apresenta como paradigma identitário, surge como ambiente síntese das contradições de conquista da terra brasileira.

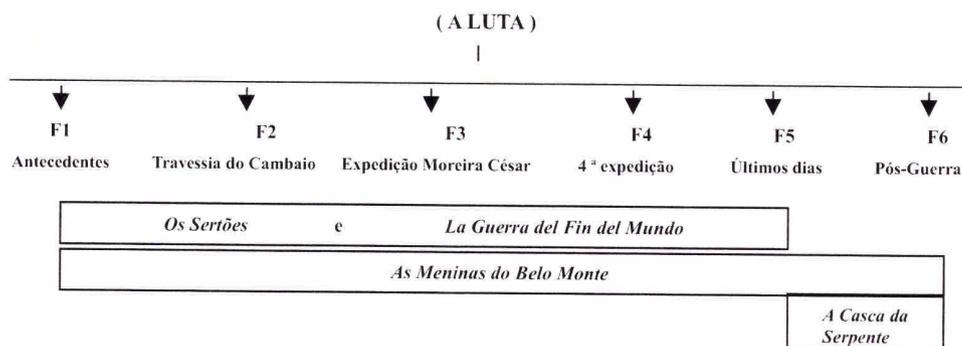
E é justamente nesse ponto que a obra fundadora apresenta elementos suficientes, que serão desdobrados pelos três romancistas, para impulsionar a busca de uma teoria da comunicação nacional ancorada nas várias especificidades do grande país, povoado de lendas, manifestações culturais, crenças, costumes e tradições, engendrando contextos múltiplos suscetíveis de configurar condições variadas de produção e de recepção de mensagens e de formação de públicos que, mesmo diferenciados, dão origem a uma *opinião pública matriz*, mediada pelos meios de comunicação, com dimensão nacional unificadora. Nossa tarefa foi então a de selecionar em cada obra os *Homens-palavra*, a metáfora apropriada de Gutierrez (1997), para evidenciar a presença de personagens comunicadores em todas as tramas, dando forma ao cotidiano dos sertões, aos conflitos fratricidas e aos embates políticos, lembrando as causas da degenerescência social e, algumas vezes, citando literalmente os textos de Euclides, este como personagem-matriz das práticas metalingüísticas de questionamento das próprias formas de concepção e de transmissão de mensagens.

### Metodologia: Análise Textual Comparativa

6 Cf: Orlando Pires, Manual de teoria e técnica literária: 145.

Para captarmos melhor as formas de expressão das teorias utilizadas pelas obras canadianas, concentramo-nos na terceira parte do ciclo temático canadiano. A *Sintaxe Funcional* do modelo semiótico de Roland Barthes<sup>6</sup> serve como forma de organização cuja unidade básica é um pequeno agrupamento de Funções, constituindo uma Sequência. Essa cobertura funcional foi utilizada em cada narrativa proporcionando um melhor detalhamento dos três romances para posteriormente permitir uma análise estrutural e textual comparativa entre elas.

A Sequência Geral constitui-se na Guerra (*A Luta*) e, a partir dela, cada autor desenvolve sua narrativa que não necessariamente possui as mesmas funções. *A Luta*, como sequência histórica, alimenta as narrativas de acordo com o esquema abaixo:



O código das ações inicia em F1 em *Os Sertões*, *La Guerra del Fin del Mundo* e *As Meninas do Belo Monte*: a série de combates é desencadeada a partir do <sup>11</sup>incidente *desvalioso*,<sup>11</sup> quando Conselheiro, tendo adquirido em Juazeiro certa quantidade de madeiras, e não as recebendo, resolveu ir buscá-las *à força*. No entanto, J.J.Veiga inicia sua obra fictícia em F5, preocupando-se apenas em contar a saga impossível de outra cidade utópica, construída sobre os escombros dos erros de Canudos. O

ponto em comum entre *A Casca da Serpente* e o romance de Chiavenato, *As Meninas do Belo Monte*, é que ambos preocupam-se com o day after, o pós-guerra, enquanto o romance de Vargas Llosa atualiza sua reverência ao texto euclidiano.

No nível do código da narração, distinções sobre as posições dos narradores são de grande importância para a análise do ângulo de visão através do qual as ações vão sendo conduzidas. É utilizado o ponto-de-vista onisciente com focalização neutral no qual o narrador, em 3ª pessoa, sabe tudo a respeito dos acontecimentos e dos personagens, mas adota um enfoque impessoal e neutro, tornando a narrativa uma sucessão lógica de ações. Por outro lado, em alguns momentos, utiliza-se a focalização interventiva, quer seja através de citações euclidianas ou por comentários.

A tensão entre o tempo cronológico, da sucessão lógica das ações, e o tempo psicológico, que é justamente onde podemos captar os diferentes pontos de vista, possibilita a sistematização do paradigma da opinião pública. Segundo Vitalino Rovigatti<sup>7</sup>, opinião pública é uma manifestação de um juízo comum a um número de pessoas ou a todo um grupo, que se propaga não pelo fato de ser comprovada mas, em geral, porque penetra na sociedade junto com um conjunto de elementos comoventes (emotivos) que pressionam aqueles que ouvem, vêem ou lêem.

Euclides da Cunha em *Os Sertões* discute conceitos variáveis de opinião (coletiva, nacional, comum, pública) e de públicos, vinculados aos grupos de pressão da época (igreja, latifundiários, republicanos, monarquistas, etc.), os chamados grupos de interesse, o que constitui, como já frisamos, a primeira sistematização de tais conceitos no Brasil. A partir daí, consegue formular um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de "verdades", que direcionam comportamentos e atitudes, o olhar e a fala de autores contemporâneos. O autor acaba por instituir uma dizibilidade e uma visibilidade, imagens e discursos repassados, repetidos e cristalizados como realidade do que foi a guerra e do que

7 Citado por Tupã Gomes Corrêa *Contacto imediato com opinião pública*: 37

são os sertões, que não apenas contaminam fortemente os discursos contemporâneos, mas sobretudo fornecem pistas metodológicas para o exame de formas de comunicação entre públicos diferenciados no contexto nacional.

Dessa forma, pudemos comparar os códigos das ações e da narração nas quatro obras, elegendo núcleos temáticos aptos a determinar a prática da comunicação nas funções da guerra e no pós-guerra. A questão do governo ideal e do comportamento da República face aos diferentes *brasis*, a dicotomia litorâneo x sertanejo, a atuação dos *homens-palavra* na formação da opinião nacional e na construção dos heroísmos militares ou midiáticos, a apresentação do tipo de liderança encarnada por Conselheiro e as projeções de Canudos nos movimentos rurais atuais são temas que definem a visibilidade e a dizibilidade de um Brasil vivo, forte e profundo que, mesmo abandonado, está pronto a fornecer a matéria para a construção de uma identidade nacional. São esses os temas analisados através das quatro obras.

### Análise dos Dados

O escritor peruano **Mário Vargas Llosa**, maravilhado com a obra euclidiana, adotou o tema para escrever *La Guerra del Fin del Mundo*. Demasiadamente envolvido com a vida política, faz de seus romances um ato de rebelião e crítica à realidade histórico-social da América Latina. Apesar de ver em sua vocação literária uma forma de resistência ao poder, "uma atividade a partir da qual todos os poderes podiam ser permanentemente questionados" (Llosa, 1994), candidatou-se às eleições da Presidência da República do Peru em 1990, mas foi derrotado por Alberto Fujimori.

Llosa realiza a reconstituição do que chamou de "mal-entendido nacional", com personagens ficcionais ao lado de históricas, construindo um misto de crônica e história. O tempo, utilizado por este autor, apesar de ser cronológico, como já

vimos, não segue a ordem do "antes, durante e depois".

"Muitas vezes dentro de uma unidade narrativa dois ou mais episódios ocorrem em tempos e lugares diferentes para que as vivências de cada episódio circulem de um a outro e se enriqueçam mutuamente" (Bella Josef, 1986)

Nascido no Mato Grosso, mas de formação goiana, **José J. Veiga**, ligado emocionalmente às obras de Monteiro Lobato, alcançou a contística regional em etapa avançada de modernização, e às suas conquistas recentes acrescentou uma experiência de leitura do ficcionismo inglês e americano.

José J. Veiga, de uma maneira geral, investiga a condição humana na qual a solidariedade sofre com a perversidade e a indiferença, com os preconceitos e egoísmos e até mesmo com a passividade. *A Casca da Serpente* situa-se dentro do gênero narrativo, ou seja, aquele em que o autor procura transmitir ao leitor sua visão da realidade através de uma história. Apesar de incorporar elementos do dramático e do lírico, trata-se de literatura narrativa de ficção.

O autor estrutura e narra sua ficção com extrema simplicidade, numa prosa que tem o colorido brasileiro, e recorre à oralidade, seja captando falares, seja reproduzindo ditos e máximas populares que traduzem a sabedoria dos humildes. Através da linguagem simples e da utilização de recursos estilísticos, J.J.Veiga constrói uma história de Canudos pós-guerra, baseada na observação de detalhes do cotidiano, porém inserindo nele o fantástico.

**Júlio José Chiavenato** é um conhecido jornalista e escritor de temas históricos latino-americanos. Nascido em Pitangueiras (SP), viveu sua infância em Ribeirão Preto e a partir de 1971, lançou uma série de livros analisando o grau de dependência da América do Sul aos imperialismos da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Voltando-se mais para o seu país, lançou em 1993 *As Meninas do Belo Monte*, um dos romances mais recentes sobre Canudos que, não somente denuncia a escravização e prostituição das crianças do Belo Monte após a Guerra de Canudos, mas também, numa correlação com Euclides da Cunha e sua obra canudiana, confirma a descoberta da identidade nacional pelo *Os Sertões* e discute a manipulação dos "homens-palavra" para com a História.

8 Em *As meninas de Belo Monte* está presente a lenda sertaneja de que nasce um menino de sete em sete anos com a aparência de monstro, mas que faz milagres.

Ao iniciar a obra, Chiavenato divide-a em três fases concomitantes com *Os Sertões*. A AMÉRICA (A Terra) revela a luta de uma gênese inacabada, pela qual a identidade nacional será fragmentada e o país ficará sem uma unidade. O BELO MONTE (O Homem) é a esperança do sertanejo em busca de paz, de uma casa no sertão, mas que acaba entrando numa luta com os civilizados. Na fase A LUA (A Luta), o autor revela a luta entre a lua e o sol que pode ter várias conotações: a luta entre o sertanejo fraco e o governo forte e poderoso, a luta entre a seca e o desejo de permanecer na terra árida e agreste, a luta entre a utopia sertaneja de salvação e o castigo dos homens e a luta entre a História vivida e a História contada.

9 Segundo Chiampi (1980), o *realismo fantástico* apresenta relações entre o natural e o sobrenatural, de forma insólita, capaz de provocar reações de dúvida, medo e inquietação no leitor; já o *realismo maravilhoso* aloja a sobrenatureza no universo do sentido do cotidiano, a *maravilha* fazendo parte da vida natural. Se Dosídeo instaura estranheza, mistério diante dos milagres, a idéia de reencarnação de Josefa, permitindo o relato de duas temporalidades (o tempo da guerra e a contemporaneidade), parece normal, como forma natural de permitir a compreensão das interligações históricas.

A narrativa se desenvolve em dois tempos cronológicos:

- No tempo do Belo Monte, a Primeira Canudos (1897) consumida pelo fogo. Acompanhando a vida do arraial antes do conflito armado, durante a guerra e após sua destruição através do olhar da menina Josefa que, sobrevivente da catástrofe, é resgatada por um repórter, passa por um depósito de prisioneiras, é vendida a uma prostituta, revendida a um ex-coronel impotente junto com Maria José e, por fim, retorna a Canudos com um novo profeta, o menino Dosídeo, um setemesinho<sup>8</sup> sobre o qual o autor depreende um *realismo fantástico*<sup>9</sup>;
- No tempo do personagem que vive a Segunda Canudos (1988), sepultada pela água: um homem sem nome e sem história que passa sua vida numa canoa sobre a cidade santa submersa, imaginando-se a reencarnação de Josefa (*realismo*

*maravilhoso*). No presente deste personagem, há um encontro entre ele e um frade perseguido pelos senhores de terra por ser a favor da Reforma agrária, o que vincula o tema canadiano a contemporaneidade.

Esta narração ambígua é caracterizada por uma aparente continuação entre essas duas histórias, mesmo sendo narradas em tempos diversos. Chiavenato aponta ao leitor que Josefa e o Sem nome, apesar de raças diferentes (um negro e outro branco) vivem num mesmo cenário, crêem no Bom Jesus e são prisioneiros da vontade de Deus.

Embora o regime político republicano seja apresentado por J.J.Veiga como forma de governo ideal, a República Brasileira é criticada tanto n' *As Meninas do Belo Monte*, n' *A Casca da Serpente* e em *La Guerra del Fin del Mundo*, seja pelo próprio Conselheiro, por um estrangeiro ou um Coronel. A construção de uma República, com uma feição irracional, é constatada na prostituição de pobres crianças sertanejas, assim como nas ações atrozés do Exército sobre uma comunidade combatida pela fome e pela seca. A tecnoburocracia expandida no litoral impõe uma busca a necessidade de apagar o sertão que destoava do que se pretende ter como Brasil. Combate-se seu folclorismo, seus movimentos messiânicos, seu fanatismo religioso com o intuito de civilizá-lo. É esta interferência abrupta que esses romances combatem com veemência, até porque não buscando conhecer a situação sertaneja, a República cometia um grande erro, em lugar de analisar as falhas da História Colonial. Na verdade, não se atentou que as dificuldades da seca já deveriam ser solucionadas pela atuação do Estado.

Menos racionais do que deveriam ser, os industrializados não eram mais considerados o cerne da sociedade brasileira por Euclides da Cunha, o que Chiavenato, Veiga e Llosa confirmam em suas obras. A dicotomia entre o litorâneo, industrializado do Sul e Sudeste, e o sertanejo, atrasado do Nordeste, é elaborada n' *Os Sertões* e perpassada para a Contemporaneidade. O conflito entre

os dois Brasis é resultante da necessidade de mostrar o verdadeiro Brasil, não o Brasil artificial, do estrangeiro, mas o Brasil do campo, o Brasil do Sertão no qual se esconde a "chama viva de nossa nacionalidade", livre de influências alienígenas.

A partir de uma Sintaxe Funcional, verifica-se que há uma Sequência Geral englobando os quatro romances. A Guerra é o fato que caracteriza esta Sequência e, através dela, propaga-se uma *opinião pública nacional*. Assim como Euclides, Chiavenato e Llosa denunciam a formação da opinião pelos caminhos de uma psicologia coletiva sujeita às paixões e interesses de grupos. No entanto, Veiga desenvolvendo sua ação por meio de diálogos, propõe a construção de uma opinião pública através da discussão. O que ele faz é remontar a definição de opinião pública mostrando que se trata de um fenômeno dialético resultante do choque entre opiniões divergentes diante de um fato. Com isso, *A Casca da Serpente*, descarta a possibilidade da imprensa ter o poder de impor uma opinião e de manipulá-la de acordo com interesses específicos.

Os "homens-palavra", provenientes da imprensa, têm a função de documentar a História da Guerra de Canudos para suprir a necessidade de construção de uma memória histórica. Todos os "homens-palavra" do romance de Vargas Llosa opõem a presença da palavra oral ou a escrita ao esquecimento dos fatos. O Jornalista Míope expressa a necessidade de se manter uma memória dessa história da única forma que as coisas são conservadas: "Escrevendo-as". Galileu Gall é o segundo personagem-escritor. Correspondente de guerra do jornal de Lyon, *L'Étincelle de la révolte*, expressa perfeitamente o estranhamento da realidade e do conflito que o leva a escrever como tentativa de correção e mudança. Gall é um aventureiro revolucionário, porta-voz das utopias libertadoras, que encontra no sertão do Brasil a comunidade socialista pela qual sempre sonhou e lutou.

Veiga foca seus "homens-palavra" sobre os personagens de um escritor e um retratista. O primeiro, depois de muitas discussões com Conselheiro, acaba o

induzindo a escrever um livro sobre a Campanha, enquanto o segundo, está presente em apenas um dado momento da ação. É o momento da aproximação de Itatimundé (cidade fictícia) com o resto do mundo, quando os conselheiros têm contato com imagens dos presidentes e de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Nova York.

Embora não haja apenas um jornalista na narrativa de Chiavenato, a atenção fixou-se mais num carioca d' *A gazeta*, um homem egoísta que, em meio a guerra e as ações terríveis do Exército, está preocupado apenas em recolher objetos canadenses, mesmo que humanos, para ter sucesso quando os exhibisse na sociedade civilizada.

**"Sinto que vou ficar na história. Os pósteros falarão de mim: ele esteve lá, ele ajudou a fazer a história". (Chiavenato, pág. 90)**

Para ele, denegrir a imagem do Exército era perder sua esperança de fama e heroísmo. Covarde, sabia que não podia ir contra um país inteiro e por isso acostumou-se com a idéia.

**"Não fui covarde, nem indiferente. Obedeci a lei da guerra" (ibid, pág. 94)**

É a partir dele que se discute o papel da comunicação em época de guerra, a excessiva preocupação com o heroísmo, mais com a promoção pessoal do que com a própria notícia. N' *Os Sertões* toda a problemática do heroísmo está nos protagonistas do Exército, enquanto Chiavenato passa esse papel para a Imprensa (como instituição):

**"Os jornais festejam a vitória. Uma ou outra voz isolada timidamente denunciou o massacre. Mas o governo exultava. O exército respirou aliviado: sua honra foi salva." (Ibid, pág. 84)**

O heroísmo trabalhado por Llosa é idêntico ao de Euclides da Cunha. Moreira César é um homem admirado por todos, inclusive pelo jornalista Míope. Todavia, não é só a figura do Exército que é glorificada neste romance, os líderes sertanejos também são considerados heróis por surpreenderem, tendo em vista o potencial de planejamento e estratégias de guerra que possuem.

Apresentando personagens reais e fictícios, Veiga faz questão de negar a exemplaridade do herói. Para o autor, todos os personagens têm igual importância e conseguem transmitir essa idéia através da humanização de cada personagem, que agora, ao contrário do que afirmou Euclides da Cunha, agem de maneira racional e de acordo com cada circunstância, não mais instintivamente e pelos caminhos de uma psicologia coletiva. A heroína desta narrativa não é nada menos que a cidade de Itatimundé. Símbolo do heroísmo dos sobreviventes de Canudos, aparece como um laboratório político-social para o sertão, para o Brasil e para o mundo. Apesar de tornar-se uma cidade modelo, Itatimundé não foi legitimada e sim completamente destruída.

Como a maioria dos romances sobre Canudos, estas obras não deixaram de apresentar a figura do jornalista, como já foi visto, e o Conselheiro. Antônio Mendes Maciel é sempre retratado em *La Guerra del Fin del Mundo*, segundo o ponto de vista de outro personagem, o que ratifica o seu ar de mistério e santidade, bem diferente da imagem feita por Euclides que, em todo o livro, mostra um homem degenerado e louco. Mas, tanto o Conselheiro euclidiano, quanto o Llosiano pregam o fim dos tempos e o apocalipse, tendo na República a figura do anticristo, contra o qual deviam lutar até a morte.

O fanatismo religioso aparece mais ameno n' *A Casca da Serpente* e n' *As Meninas do Belo Monte*. No primeiro romance, Conselheiro ainda vivo, está presente em toda a ação e evolui no decorrer da narrativa através de mudanças de comportamento: não reza mais tanto como antes por crer que muita reza afronta a Deus e divide as

responsabilidades. Preocupa-se em se apresentar vestido como os outros e até sorri. No romance de Chiavenato, Conselheiro é narrado como um misericordioso na solidariedade à luta do Sertão. Crítico das injustiças da República e fanático pela Virgem Maria e pelos dogmas da Igreja, é perseguido tanto pelos republicanos, que o acusam de monárquico, como pelos bispos, que o têm como louco.

Considerado um celerado por ter recebido as bênçãos da Virgem Maria e em troca disto deve defender os pobres, tem forte ligação com Frei Paolo, um padre também chamado de celerado por lutar pela Reforma Agrária. Os traços de modernidade estão inscritos nestes dois personagens separados por uma única diferença: Conselheiro vive no tempo de Josefa e o padre no tempo do Sem nome. De um lado, um Antônio Conselheiro muito inteligente, com noção de administração, economia e organização de guerra na medida em que exporta de Belo Monte peles de cabra, e com o dinheiro compra armas para a defesa do Belo Monte. Do outro, Frei Paolo, 90 anos mais tarde cita os Sem-terra e a Comissão Pastoral da Terra, por se preocupar com a possibilidade de divisão igualitária de terras para que os sertanejos, fartos de sofrimentos, possam viver dignamente do seu próprio pedaço de chão, sem escravizar seu corpo e sua própria alma, alugados aos senhores de terra. A modernidade desse padre, que não usa batina e retira os santos da Igreja, vem salientar que é um pedaço de terra o que desejam movimentos como Canudos e os Sem-terra; movimentos que são reprimidos instantaneamente para não desequilibrar a "ordem e a igualdade" do sistema. Chiavenato enfatiza que Canudos e os Sem-terra, apesar de quase 100 anos de distância, aspiram aos mesmos ideais: terra e paz.

### **Conclusão: Para uma Teoria da Comunicação com bases nacionais.**

A Guerra de Canudos foi a primeira a ter cobertura diária para todo o país. Graças ao telégrafo e à imprensa emergente, todos se envolveram com um fato, ocorrido

nos sertões esquecidos e isolados. O exercício da comunicação, com a sua conseqüente formação de públicos, foi veementemente criticado, em todas as suas conexões com os poderes emanados de uma jovem República, destinada a modernizar as estruturas coloniais do país.

Mas o que mais cria interesse pelos estudos do ciclo canudiano repousa em um fato interdiscursivo que propiciou a auto-reflexão na representação sobre a guerra, ocasionando um confronto de gêneros. Do momento em que tal representação pode sair das páginas dos jornais para as páginas literárias, iniciou-se um processo de avaliação não apenas do objeto representado, mas das formas como a comunicação estava construindo a história.

Euclides da Cunha instaurou os debates, no meio literário, sobre as ambigüidades de um texto narrativo que elegia um fato histórico como matéria discursiva, materializando através dele inúmeras relações enciclopédicas entre a geografia, a geologia, a antropologia, a comunicação, etc. Nesse sentido, ele sistematizou uma teoria da comunicação nacional, construída através das reações de variados públicos individuais, coletivos, regionais, ou mesmo nacionais, de acordo com a conceituação que ia elaborando em função das distintas fases da guerra. Por outro lado, ao desenhar o retrato inteiro do país, nesse texto enciclopédico, alertou a nação quanto aos problemas climáticos e ambientais e à necessidade de investimentos para a irrigação das zonas atingidas pela seca, fenômeno desencadeado pelas Entradas e Bandeiras em suas práticas de desmatamento. Alertou igualmente sobre o perigo do país continuar mantendo dois tipos de *irmãos* em condições desiguais de vida, e de promover massacres fraticidas para atender objetivos e interesses do capitalismo internacional.

Nesse diálogo de gêneros, o jornalista-escritor mostrou a força da página escrita para a construção de uma nação, metaforizando em Canudos o ideal de soberania, da *rocha viva de nossa nacionalidade* que acabava de ser exterminada antes de chegar a

ser. Assim, optamos em analisar nosso ciclo com as *funções narrativas* no sentido de evidenciar a cronologia da guerra e das formas como os diferentes autores retomaram fases importantes do conflito, em que se materializam os "homens-palavra", essa importante metáfora que instala o paradigma discursivo como fonte de construção da visibilidade e da dizibilidade das contradições nacionais, fonte, por outro lado, da determinação dos pilares identitários, através dos quais, torna-se possível se repensar a identidade a nível nacional.

De todas as maneiras, esse ciclo, que deve ser analisado em todos os cursos de Comunicação Social, no sentido de se depreender verdadeiras teorias da comunicação e da opinião pública nacionais, serve de paradigma para os movimentos dos trabalhadores rurais que ainda estão brigando pela reforma agrária e justiça social:

Maltratada pela história oficial, Canudos e a figura controvertida de Antônio Conselheiro sobrevivem no imaginário de grande parte dos camponeses brasileiros como um dos símbolos da luta pela reforma agrária. Na leitura que o Movimento dos Trabalhadores Rurais SemTerra faz da epopéia de Canudos, Antonio Conselheiro é o líder sertanejo que desafiou a Monarquia, a República e a elite rural dominante. (A Tarde, 11-1-97)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### I. Obras teóricas e sobre Canudos:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

A Tarde. Canudos e o Movimento Sem-Terra, 11-1-97

AUGRAS, Monique. **Opinião Pública: Teoria e Pesquisa**, , Petrópolis, Ed. Vozes LTDA, 1980.

AVIGHI, Carlos Marcos, **O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha**, Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, vol. XVI, n. 2, jul-dez 1993, pág. 144-153.

BARRETO, José Carlos. **Metáforas Geológicas**. www.Portifolium.com.br

CHIAMPI, Irleamar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, **Canudos (Diário de uma expedição)**\_com introdução de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, **Nossa Vendéia I e II**. www.Portifolium.com.br

CÔRREA, Tupã Gomes. **Contato Imediato com a opinião pública: os bastidores da ação política**. São Paulo, Global, 1988.

GALVÃO, Valnice. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais**. 4ª expedição. S. Paulo, Ática, 1977.

JOZEF, Bella. **Romance Hispano-Americano**. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antonio Conselheiro e Canudos**, SP, Nacional, 1978.

PIRES, Orlando, 1922. **Manual de Teoria e Técnica literária**. Rio de Janeiro, 1981.

GUTIERREZ, Angela. Notícias sobre cem anos de ficção canudiana; **Revista Canudos** / UNEB CEEC, v.1, n.1, Págs.: 09 à 21 Salvador, 1996.

SOARES, Heloiza; Alencar, Ive; Lima, Lidiane. Pode Os Sertões gerar um paradigma de Relações Públicas para os movimentos sociais? **Revista Canudos** / UNEB CEEC, v.4, n.1/2, Págs.: 47 à 64, Salvador, 2000.

SOUZA, Lícia Soares; GODET, Rita Oliviere. **Identidades e representações na cultura brasileira.** , João Pessoa, Idéia, 2001.

VIA, Sarah Chucidda. **Opinião Pública: Técnicas de formação e problemas de controle.** São Paulo, Ed. Loyola, 1983.

ZILLY, Berthold. **A Reinvenção do Brasil a partir dos Sertões.** **Revista Canudos** / UNEB CEEC, v.4, n.1/2, Págs.: 107 à 121, Salvador, 2000.

## II. Romances:

CHIAVENATO, Júlio José. **As Meninas do Belo Monte.** São Paulo: Página Aberta, 1993.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos,** Rio de Janeiro, F. Alves; Brasília, 1995. (Original 1902)

LLOSA, Mario Vargas. **A Guerra do Fim do Mundo,** Rio de Janeiro, Lv. Francisco Alves Ed., 1981.

VEIGA, José J. **A casca da Serpente.** 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.